

A instalação franciscana: o Convento de Varatojo



Claustro do Convento de Varatojo

No cumprimento de um voto feito a Santo António para que auxiliasse o monarca nas conquistas marroquinas, D. Afonso V, o *Africano*, mandou levantar o convento de Santo António de Varatojo.

Aqui se deslocou com os fidalgos da Casa Real e numerosos elementos do clero, nobreza e povo, em Fevereiro de 1470, para o lançamento da primeira pedra. As obras exigiam alguma celeridade, tendo o monarca nomeado Diogo Gonçalvez Lobo, antigo Vedor da Casa da Rainha D. Leonor de Aragão, mãe do Rei, para a sua direcção e acompanhamento.

A construção do Convento fez-se a expensas do Erário Régio, obtendo do povo o apoio para o transporte dos materiais necessários para a construção do edifício, isentando-o, para tal, da jugada (tributo sobre terras lavradas, no valor de 40 alqueires por cada jugo de bois). Deste modo, os lavradores obtiveram do monarca a possibilidade de possuírem as juntas de bois que desejassem, pagando apenas, pelo total, 20 alqueires, se fossem proprietários, ou 6, se arrendatários. Uma prerrogativa que seria confirmada por D. João II e introduzida no *Foral Novo*, que D. Manuel daria à vila de Torres Vedras, a 1 de Junho de 1510. Neste, pode ler-se *se pagasse*

de jugada de cada huum jugo de boyos hum moyo de trigo ou de milho, qual delles lavrassem, ho qual era de cinquenta e seis alqueyres da medida antygua, que fazem desta dagora corrente trinta e seis alqueires. E se d'ambos lavrassem que d'ambos pagassem ho dito moyo, a saber a meetade do trigo e a outra ameeade de milho.

D. Afonso V adquiriu ainda uma quinta para os religiosos (a actual cerca) a Luís Gonçalves, escudeiro do Rei de Aragão, pela quantia de 35 mil reis. Para si reservara o padroado e domínio de Varatojo, confirmados pelo Papa franciscano Sisto IV.

Passados apenas quatro anos, o Convento era inaugurado a 4 de Outubro de 1474, dia de S. Francisco de Assis, entregando Diogo Gonçalves Lobo, uma vez que o rei se encontrava ausente, a nova Casa ao Provincial franciscano Frei João da Póvoa, confessor e testamenteiro de D. João II, e insigne letrado do segundo quartel do século XV.

As obras prolongar-se-iam, porém, por vários anos. Pois, em 1480, Antão Cerveira prestou contas ao rei das respectivas despesas e, em 1483, foi perdoado um dos pintores que nele trabalhava, por crime cometido algum tempo antes. E, ainda em 1490, o concelho queixava-se, em Cortes, das aposentadorias a que os moradores estavam obrigados por motivo de obras.

Por companheiros, Frei João da Póvoa teve 14 religiosos, provenientes de São Francisco de Alenquer, a mais antiga fundação de frades menores em Portugal, que remonta a 1217. Como primeiro guardião, o Convento de Varatojo conheceu Frei Álvaro de Alenquer. Ainda no século XV, o convento atingiria 25 religiosos.

Aqui veio, por diversas vezes, D. Afonso V, procurando o retiro no claustro franciscano, como o fizera após a derrota de Toro. O próprio cronista Rui de Pina afirma ser intenção do rei *leixar a inteira governança dos Reinos ao princepe seu fylho, e ele em habitos honestos de leigo e nam com obrigaçam de relligiam, se retraer no moesteiro de Varatojo junto com Torres Vedras*. De igual modo,

também D. João II e a rainha D. Isabel optaram pelo convento, como lugar de recolhimento, após a morte de seu filho e herdeiro D. Afonso. Mas também Diogo Gonçalves Lobo, o homem que dirigiu e fiscalizou as suas obras, escolheu o Convento para sua última morada, assim como o alcaide de Torres Vedras, Gomes Soares de Melo (1477-1479, 1500).

A população conventual cresceu de tal forma ao longo do século XVI que o edifício teve de sofrer aumentos e melhoramentos, como os dormitórios, no reinado de D. João III e sua mulher D. Catarina, impulsionadora da capela-mor da primitiva igreja.

Entre 1474 e 1680, o Convento de Varatojo era casa de estudos das províncias franciscanas a que pertencera. Em 1680, porém, desvincula-se da província franciscana dos Algarves, circunscrição a que pertencia desde 1534, no cumprimento das determinações do Breve apostólico de Inocêncio XI, de 23 de Novembro de 1679. Doravante e até 1833, o Convento passou a Seminário Apostólico das Missões, com estudos e disciplina apropriados, cuja iniciativa se deve a Frei António das Chagas, o antigo cavaleiro António da Fonseca Soares.

Todavia, a 25 de Julho deste ano, os vinte e um sacerdotes, seis irmãos leigos e seis irmãos donatos, que residiam no convento, tiveram de fugir. Aproximar-se-ia um desfecho trágico: a 8 de Março de 1834 era extinto.

SAIBA MAIS: RIBEIRO, Bartolomeu (O.F.M.) – *Convento de Santo António de Varatojo*. Braga: Editorial Franciscana, 1990.